

Mudanças e fraturas na inteligibilidade jornalística e a mobilização dos povos originários na luta pelo território no Brasil: observando a cobertura do marco temporal¹

Yasmin Gatto²

Elton Antunes³

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

RESUMO

Este resumo é resultado de um apontamento preliminar dos meandros da pesquisa que está se desenvolvendo no âmbito do doutorado e que tem como foco de investigação analisar as mudanças que ocorreram no jornalismo quando se trata sobre a cobertura dos povos originários. A pauta indígena ganhou, nos últimos anos, destaque na mídia nacional e internacional por vários motivos, dentre eles o avanço do desmatamento, agronegócio e mineração em reservas indígenas, a paralisação de demarcação de terras e a votação da lei que altera a questão (o PL 490), entre outros fatores. A cobertura da chamada mídia corporativa se apropriou desta temática de maneira bastante enfática, mudando inclusive, a forma de nomear os “índios”, descritos agora como “povos originários”, “povos tradicionais”, “povos indígenas” ou “indígenas”. Quando se pensa na mídia alternativa ao jornalismo *mainstream*, aquela feita em articulação com ou pelos povos indígenas, eles conseguiram pautar muitas reivindicações que ganharam ressonância na mídia tradicional. Entender como determinados assuntos adquirem relevância e atualidade e aparecem nessas mídias é entender como o jornalismo faz saber socialmente sobre a questão indígena contemporaneamente. Não se pode deixar de levar em consideração que tal cobertura nesse momento ocorre no contexto de um governo conservador que está no poder desde 2019, que faz questão de tratar os indígenas como problema menor. E também que não temos como falar desta temática sem mencionar a crise social, política, econômica e sanitária que vive o Brasil, que atinge fortemente os indígenas. É válido ressaltar que durante a pandemia de Covid-19, os povos indígenas foram muito afetados e com a falta de dados de quantas mortes ocorreram no Brasil, as informações seguras sobre esses povos são ainda mais difíceis de apurar. Segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), até janeiro de 2022, estima-se que ao menos 63.096 casos de Covid foram confirmados, 1.251 indígenas morreram e 162 povos foram afetados. Sem políticas de proteção e tendo os órgãos responsáveis cada vez mais negligenciados e sem recursos para garantir a permanência deles em suas terras, os indígenas estão completamente vulneráveis. Desta forma, investigar como tais questões apareceram na mídia jornalística - aquela considerada mais tradicional, aquela que não ocupa posições hegemônicas no campo jornalístico e também na chamada mídia alternativa - e apresentaram os indígenas e as questões que os mobilizaram é buscar entender como o jornalismo - seus produtos e processos - entende essa questão e como ele a colocar em

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2022.

² Doutoranda do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, email: yasminrgatto@gmail.com.

³ Orientador do trabalho, professor da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, email: eltunes@uol.com.br.

pauta, gerando assim alguma representação (e auto representação) sobre esses povos. A escolha por diversos veículos de comunicação na mídia tradicional, semi estabelecida e na mídia alternativa ocorre por conta da perspectiva político-editorial de cada um deles e o modo como acolhem ou não temas, questões e referências que são caras aos povos indígenas. Segundo Mattoni (2017), na mídia semi-estabelecida o viés político-editorial é bem definido. No jornalismo de referência temos vários elementos para a produção do texto, começando no projeto editorial do veículo onde a notícia vai circular. Enfim, o campo da mídia tem centros e margens. Nele, hierarquias entre veículos informativos. Eles abrangem públicos menos ou mais amplos, correspondem em graus diversos aos critérios vigentes da qualidade jornalística e obtém menor ou maior credibilidade diante de público que estão, também eles, em posições desiguais. Nesse sentido, a investigação proposta se caracteriza por discutir o modo como as pautas indígenas da atualidade são interceptadas pelo trabalho do jornalismo, pretendendo ver as continuidades e fraturas nesse modelo “eurocentrado” e colonialista utilizado para falar desses povos. Pretende-se investigar esses processos junto a formatos da mídia tradicional, da semi estabelecida e da mídia alternativa. Nossa perspectiva com a pesquisa proposta é investigar particularmente aspectos da representação jornalística dos povos indígenas. Os estudos já realizados (ACOSTA, CRUZ, 2019; MELO, 2012; OTRE, 2007; ARAUJO, LUTZ, GRIJÓ & CARVALHO, 2017) sobre a representação dos povos indígenas na mídia tradicional apontam para uma cobertura midiática problemática, que tende a fazer uma representação fortemente estereotipada dos povos tradicionais, sobretudo quando o assunto é mineração e avanço do agronegócio. Mas, principalmente, que está cobertura produz, segundo tais estudos, um apagamento de certas questões indígenas, que não são problematizadas e nem sequer levadas em consideração. É o caso, por exemplo, da temática da mulher indígena. Segundo Lasmar “(...) a invisibilidade das mulheres indígena é um caso específico da invisibilidade dos próprios índios, categoria étnica e racial ainda atrelada, no senso comum, a representações enraizadas em fontes remotas” (1999, p. 3). Portanto, o objetivo principal da pesquisa é analisar as representações e textualidades jornalísticas que tratam da temática do marco temporal e diferentes aspectos envolvidos na questão e que foram produzidas em veículos noticiosos no período das recentes mobilizações dos povos originários realizados no Brasil. Essa pesquisa pretende observar o modo como as práticas jornalísticas lidam com o tema da mobilização dos povos originários na luta pelo território no Brasil considerando também aspectos da percepção dos produtores de informação jornalística. Para isso, o estudo se detém a analisar os textos jornalísticos, compreendendo que eles podem ser feitos de várias maneiras, portanto, pretendemos fazer uma organização temática, mas também de quadros de sentidos propostos. Para fazer as análises do material faremos breves considerações a partir da noção de enquadramento, procedimento bastante recorrente na pesquisa de materiais jornalísticos. (SOARES, 2009; D’ANGELO e SHAW, 2018). Segundo Soares (2009), o enquadramento consegue pôr em evidência alguns vieses que estão implícitos na produção jornalística. O autor enfatiza que os fatores essenciais do enquadramento são seleção e ênfase, mas destaca-se que os três níveis da análise são: seleção, ênfase e exclusão. Podemos relacionar o enquadramento no jornalismo a um padrão de cobertura que estrutura e organiza o significado dos noticiários. Diz respeito tanto a um “esquema” mobilizado por jornalistas para entender, interpretar e, finalmente, expressar os fatos em certos textos (visuais, verbais, sonoros etc.), mas também, de forma relacional, se refere aos quadros de sentido mobilizados pela audiência que é interpelada por tais mensagens: “um frame revela uma estrutura interpretativa que atravessa todo o processo comunicativo, orientando a produção de formas simbólicas e

sua leitura” (MENDONÇA e SIMÕES, 2012). Na formulação clássica de Robert Entman, “enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes num texto comunicativo, de modo a promover uma definição de problema particular, uma interpretação causal, avaliação moral e ou recomendação de tratamento” (ENTMAN, 1993, p.52). Destaca-se que os enquadramentos não são estáticos, eles se desenvolvem ao longo dos anos, de acordo com a mudança das estruturas políticas, de acordo com o entendimento dos jornalistas também, dos órgãos de imprensa e de acordo com a redefinição das estruturas das elites, podendo absorver ou mudar o discurso (SOARES, 2009). Entende-se nesta pesquisa que discutir a inteligibilidade jornalística está além de analisar os textos, é importante também conhecer os processos de produção, conversando com os jornalistas e tentar ver como eles enxergam esse conflito de ideias, como por exemplo, terra/território, vida/saúde e sobrevivência de um povo/sobrevivência coletiva. O desempenho dos jornalistas no trabalho de produção de reportagens se orienta em alguma medida por uma lacuna entre aquilo que eles se atribuem como o seu papel jornalístico e aquilo que de fato é realizado. Há um conjunto de orientações, um *script* acerca do modo como orientar o trabalho e produzir os textos. Baseado em um conjunto de entrevistas em profundidade com jornalistas que atuaram na cobertura dos eventos relacionados às manifestações contra o “Marco temporal” - dos veículos de mídia Folha de S. Paulo, Portal G1, The Intercept Brasil; Brasil de Fato, Agência Pública e Site da Articulação Nacional dos Povos Indígenas (Apib) -, procuraremos entender como tais profissionais formulam sua compreensão acerca da questão indígena e o e refletem sobre a maneira de transformá-la em relato jornalístico. A pesquisa visa contribuir em alguns aspectos, dentre eles investigar o que mudou no jornalismo e entender como os próprios jornalistas enxergam essas questões.

PALAVRAS-CHAVE:

Jornalismo; Povos originários; Mídia tradicional; Mídia semi-estabelecida; Mídia alternativa.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, M.; CRUZ, F. **Identidade dos Povos Indígenas na Mídia**: um Comparativo da Cobertura de G1 de Carta Capital no Acampamento Terra Livre 2017. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Porto Alegre, 2019.

ARAÚJO, G; LUTZ, C; GRIJÓ, W; CARVALHO, L. **Indígenas do Brasil e a Mídia**: o que dizem as pesquisas. In: Anais do 40º Intercom – Curitiba (PR), 2017.

D’ANGELO, Paul; SHAW, Donna. **Journalism as Framing**. In VOS, Tim P. (Editor), Journalism. Berlin, Boston: De Gruyter, 2018. (pp. 205–234).

ENTMAN, R. B. (1993) **Framing**: Toward clarification of a fractured paradigm. Journal of Communication, v.43, n.4, pp.51-58.

LASMAR, C. **Mulheres Indígenas**: representações. Vol. 7, No 1 e 2 (1999) Número duplo - Dossiê Mulheres Indígenas. Revista Estudos Feministas.

MATTONI, A. **Nas intersecções entre Jornalismo e Política:** mídia semi-estabelecida e movimentos sociais na Itália. Revista Parágrafo. V. 5. N. 1 - Jan/Jun, 2017.

MELO, P. B. **O índio na mídia:** discurso e representação social, 2012.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula. **Enquadramento.** Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, n. 79, 2012.

OTRE, M.A.C. **Comunicação Alternativa entre os Indígenas de Dourados/Ms:** Mobilização Social ou Interferência nas Hierarquias Comunicativas?. Inovcom (São Paulo), 2007.

SOARES, M. **Representações, Jornalismo e a Esfera Pública Democrática.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.